

Maconhômetro Ciência: notas sobre um projeto canábico de divulgação científica no Brasil¹

Maconhômetro Ciência: notes on a scientific dissemination project about Cannabis in Brazil

Gustavo J. C. Maia

Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ)

Marcos Veríssimo

Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF)

Yuri Motta

Mestre em Ciências Jurídicas e Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF)

Resumo

O objetivo deste artigo é suscitar uma discussão crítica sobre o projeto Podcast Maconhômetro Ciência, produto de uma parceria entre o Cannabis Monitor Brasil e o Núcleo de Pesquisas em Psicoativos e Cultura (PsicoCult), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Desse modo, propomos uma descrição, seguida de apresentação de dados, análises e reflexões iniciais sobre as ideias e os efeitos relacionados à produção deste projeto comunicacional de popularização do

¹Pesquisadores associados ao Núcleo de Pesquisa em Psicoativos e Cultura (PsicoCult), grupo de pesquisa vinculado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

conhecimento científico e dos resultados das pesquisas desenvolvidas no Brasil sobre a maconha, em uma perspectiva multidisciplinar.

Palavras-chave: Maconha; Podcast; Divulgação científica.

Abstract

The objective of this article is to raise a critical discussion about the project Podcast Maconhometro Ciência, a partnership between Cannabis Monitor Brasil and the Núcleo de Pesquisas em Psicoativos e Cultura (PsicoCult), at the Universidade Federal Fluminense (UFF). Therefore, we propose a description, followed by presentation of data, analysis and initial reflections on the ideas and effects related to the production of this communication project to popularize scientific knowledge and the results of research carried out in Brazil on marijuana, from a multidisciplinary perspective.

Keywords: Marijuana; Podcast; Science communication.

Introdução

O presente trabalho busca contribuir para o debate sociológico e antropológico a partir da descrição de processos de difusão do conhecimento sobre a controversa planta popularmente chamada no Brasil de maconha e cujo nome científico é *Cannabis sativa L.*. Optamos por usar aqui os termos cannabis e maconha indistintamente, como sinônimos. Nosso intuito é propiciar reflexões a partir das vivências adquiridas no processo de produção de um podcast sobre cannabis, orientado pela ideia de divulgação científica e popularização do conhecimento, o “Maconhometro Ciência”. Vejamos a seguir o contexto no qual o programa está inserido, a saber, no âmbito do projeto mais geral do site Cannabis Monitor Brasil.

O Cannabis Monitor, por sua vez, é um projeto de comunicação digital que, desde 2019, tem se dedicado a agregar notícias e conteúdos sobre cannabis, com o objetivo de fomentar a reflexão e contribuir para um debate público qualificado sobre a planta e seus múltiplos atravessamentos, provenientes das interações dos seres humanos com esta espécie vegetal no Brasil e no mundo. A partir de 2020, o projeto passou a investir na produção de podcasts, esta forma contemporânea de criação e compartilhamento online de arquivos digitais de áudio, em série, editados, contendo programas falados, de música ou de ambos (FREIRE, 2017), e cujos consumidores aumentaram consideravelmente nos últimos anos, principalmente no período da pandemia de COVID-19.

Eugênio Paccelli Freire, que pesquisou a história desta tecnologia comunicacional, destaca a facilidade de acesso às ferramentas necessárias para a produção desses arquivos de áudio, muitas delas gratuitas, como um fator importante na sua popularização:

A miniaturização dos dispositivos de áudio, bem como a incorporação de funções de tocador de MP3 em outros aparatos associa a execução e gravação do podcast a diversos aparelhos, além de possibilitar tais ações em inúmeras situações e momentos do dia a dia. Esses fatores concedem ao podcast um teor produtivo facilitado, o qual é ratificado pela presença de diversos programas livres para a realização de podcasts, [...], bem como pela possibilidade de uso de serviços de armazenamento automatizado gratuitos, [...], que dispõe de um sistema intuitivo para a postagem de podcast (FREIRE, 2017, p. 56).

Desse modo, o Cannabis Monitor surgiu como um agregador de notícias, em português, envolvendo esta planta e seus derivados, reunindo publicações feitas por veículos de comunicação brasileiros. Foi criado pelo historiador Gustavo Maia, um dos autores deste artigo, buscando concentrar em um banco de dados as narrativas e informações sobre maconha que circulam na esfera pública. Originalmente, o projeto tinha como objetivos principais ser um repositório de notícias sobre maconha, gratuito e acessível na internet, e um fornecedor de dados para o desenvolvimento de pesquisas e análises sobre os discursos, os perfis dos veículos que publicam sobre o tema e dos jornalistas que escrevem neles. Em suma, ser uma espécie de observatório da repercussão sobre maconha na imprensa.

Muito antes de o termo *fake news* ganhar a notoriedade que tem nos dias atuais, toda sorte de informações imprecisas e sem origem verificável, e de preconceitos, já atingiam a maconha, produzindo um senso comum bastante distorcido (ZANATTO, 2016). Tal estado de coisas afetava diretamente na qualidade das informações que circulavam. Informações que deveriam, em condições ideais, servir de base confiável, tanto para as escolhas individuais (consumir ou não determinada substância), como também para as escolhas institucionais (proibir, regular ou liberar determinados consumos).

Sendo assim, a insatisfação com a não ingerência sobre as notícias agregadas no Cannabis Monitor, suscitadas através de críticas recebidas em nossos canais de escuta, comentários e reflexões sobre as narrativas circulantes no debate público, estimulou a criação do podcast do projeto, que foi então batizado de *Maconhómetro*. O *Maconhómetro* consiste no resultado da produção de um espaço internético

para um conteúdo próprio da plataforma, resultante de debate crítico, qualificado e popularizado, para que estudiosos, jornalistas, ativistas e produtores de conteúdo em geral coloquem, por meio de suas vozes, diferentes posições institucionais e razões (de ordem política, social, científica, ideológica etc.), sobre a maconha no Brasil contemporâneo.

O *Maconhômetro*, como o nome indica, se propunha, desde seu início, a atuar à maneira de um termômetro, um “medidor da temperatura” e das pressões sobre os debates envolvendo a maconha e suas complexidades, que passaram a figurar em um nível de evidência jamais experimentado na sociedade brasileira. A proposta principal era, para além da repercussão do que é noticiado, contextualizar e aprofundar, com ativistas, mas também com pesquisadores e especialistas, gente que se dedica a estudar (ou ao menos checar) e a colocar à prova os resultados de seus estudos, debater as notícias mais relevantes do momento, de acordo com a curadoria do programa. Neste início, em janeiro de 2020, o podcast *Maconhômetro* era dirigido pelo historiador Gustavo Maia, e tinha como apresentadora e debatedora a cientista social, mestre em sociologia, assessora parlamentar e ativista da Marcha da Maconha do Rio de Janeiro, Monique Prado. No papel de comentaristas atuavam o advogado, mestre em Justiça e Segurança, ativista e cofundador da Rede Reforma², Emílio Figueiredo, e o antropólogo e pesquisador do PsicoCult/UFF³, Marcos Veríssimo.

Com o tempo, o podcast *Maconhômetro* ampliou seu repertório com novos programas, variando os formatos, através de parcerias com importantes entidades e colaboradores, com o objetivo de se comunicar de maneira mais detalhada com diferentes setores da sociedade, informando e dialogando com os atores que fazem o *ecossistema* da cannabis acontecer no país, mobilizando debates e entrevistas com figuras atuantes no ativismo, na política institucional, na justiça, na pesquisa, no jornalismo, na educação e na produção de conteúdo. Assim, foi durante todo o ano de 2020, marcado pela emergência sanitária da COVID-19 no mundo todo, que este podcast, por sua vez, oportunizou também uma discussão mais detida, na esfera pública e nos meios acadêmicos, acerca da qualidade das informações que circulam na rede mundial de computadores (OLIVEIRA, 2020).

² Rede Jurídica pela Reforma da Política de Drogas.

³ Núcleo de Pesquisas em Psicoativos e Cultura/Universidade Federal Fluminense.

Como parte da reflexividade no processo de produção no podcast, reformulações e acréscimos foram acontecendo. A mais expressiva mudança até então foi a inclusão de convidados para debater juntamente com a mediadora e os comentaristas as questões do momento relativas à maconha no noticiário brasileiro. Posteriormente, este programa original, o *Maconhômetro*, foi rebatizado como *Maconhômetro Debate*, mantendo sua proposta de debates com especialistas sobre temas em evidência na esfera pública. Este passou a ser produzido em parceria com a Plataforma Brasileira de Políticas de Drogas (PBPD), e co-apresentado pelas ativistas e comunicadoras, Monique Prado e Kyalene Mesquita, entrevistando um ou mais convidados.

As mudanças não pararam por aí. Novos programas foram criados e articulados, tanto à ideia inicial do “termômetro”, quanto ao objetivo de mapear o ativismo canábico e antiproibicionista brasileiro através do diálogo com seus atores.

São eles: o *Maconhômetro Sociedade*, um programa de entrevistas com representantes de organizações e entidades da sociedade civil comprometidas com o ativismo canábico e antiproibicionista no Brasil, que é apresentado pela comunicadora digital Kya Mesquita; já o *Maconhômetro Política*, de entrevistas com agentes políticos autores de projetos de leis sobre a cannabis ou que executam políticas públicas sobre o tema no país, conta com a apresentação da cientista social Monique Prado; outro desdobramento foi o *Maconhômetro Aperta o Rec*, programa de entrevistas com produtores de conteúdos culturais canábicos na internet, que conta com o ativista e comunicador digital Marcio Makana como apresentador.

Nesse movimento, surgiu também o *Maconhômetro Educação*, projeto dedicado a debates e entrevistas com atores inseridos no campo da educação para as drogas no Brasil, que é resultado de parceria com o Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED), vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e que é co-apresentado pelos educadores e pesquisadores Francisco Coelho e Maria de Lourdes da Silva. Já o *Maconhômetro Imprensa*, outro desdobramento, se dedica a publicar entrevistas com jornalistas setoristas da cannabis e outras drogas no país. Este programa é feito em parceria com a plataforma Comunicannabis, e apresentado pela jornalista e ativista Ingrid Rodrigues.

O *Maconhômetro Notícias*, foi um projeto em formato de boletim informativo, mais dinâmico, curto e objetivo, apresentado pelo comunicador digital Ton Vasconcelos, que trazia os destaques do noticiário monitorado pelo Cannabis Monitor.

Este projeto foi encerrado em 2023, após mais de 60 episódios produzidos. E, por fim, temos o programa objeto do presente trabalho, o *Maconhometro Ciência*, que consiste na proposta de dialogar com quem faz pesquisa acadêmica sobre maconha e política de drogas no Brasil, e assim compreender a realidade da produção de conhecimento sobre a planta e suas variadas formas de interação com os seres humanos, nas mais diversas áreas acadêmicas do saber. Projeto este que será tratado mais detidamente na seguinte seção.

Desse modo, o podcast *Maconhometro* tornou-se um projeto de comunicação sobre cannabis e política de drogas de caráter diverso, múltiplo e variado, adquirindo, por isso, maior capacidade de atingir públicos distintos e, por motivos também distintos, interessados nos assuntos “maconha” e “políticas sobre drogas”.

Maconhometro Ciência

Em julho de 2021, foi ao ar o primeiro episódio do *Maconhometro Ciência*, o podcast do Cannabis Monitor em parceria com o Núcleo de Pesquisas em Psicoativos e Cultura (PsicoCult), que por sua vez é um subprojeto vinculado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Com intuito de apresentar a proposta do programa e o sentido desta parceria institucional com propósito de divulgação científica, o coordenador do PsicoCult, Frederico Policarpo de Mendonça Filho⁴, foi o primeiro pesquisador entrevistado pelo projeto.

Este programa propõe a colocar em pauta o trabalho de pesquisadores brasileiros, nas diferentes áreas do conhecimento, que tomam a maconha e a política de drogas como objeto de estudo, promovendo a divulgação científica através das vivências dos próprios pesquisadores no ato de fazer pesquisa, bem como de seus resultados. Dirigido por Gustavo Maia e co-apresentado pelos antropólogos, Marcos Verissimo e Yuri Motta (todos coautores deste artigo), pesquisadores associados ao PsicoCult e ao INCT-InEAC, no papel de entrevistadores, este programa conta com convidados que já tiveram, eles próprios, experiência com a produção de trabalhos acadêmicos em programas de pós-graduação *strictu sensu*. Inclusive seu diretor e seus entrevistadores possuem experiência com os ritos acadêmicos de

⁴ Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), professor do Departamento de Segurança Pública da UFF e pesquisador vinculado ao INCT-InEAC.

construção do conhecimento, como defesas de projetos, qualificação, dissertação, tese, bem como participação em seminários, mesas redondas, reuniões e outros encontros acadêmicos.

Maia defendeu, em 2022, sob orientação do professor Marcos Luiz Bretas, do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHSI/UFRJ), dissertação que versa sobre a construção do imaginário sobre maconha no Brasil, tendo como fonte o trabalho da imprensa durante todo o século XIX e início do século XX (MAIA, 2022). Motta, por sua vez, defendeu, em 2019, sob orientação do professor Frederico Policarpo, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da UFF, dissertação na qual descreve o contexto dos cultivos caseiros de maconha voltados para usos terapêuticos no Rio de Janeiro (MOTTA, 2020). Já Veríssimo, em 2013, defendeu, sob orientação do professor Roberto Kant de Lima, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF, sua tese contendo estudo comparado daquilo que se convencionou chamar “cultura canábica” nas cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires, focando na questão dos cultivos caseiros (VERÍSSIMO, 2017).

O Maconhômetro Ciência, ao longo de três anos e atualmente em sua terceira temporada, vem trazendo estudiosos para falar não apenas sobre a centralidade da planta em seus trabalhos, mas também para debater os respectivos campos científicos aos quais se vinculam, os resultados, os desafios, as dificuldades, as estratégias, metodologias, referenciais teóricos, além das motivações para explorar esse tema, sempre a partir de suas trajetórias no campo acadêmico. Com tal configuração, foi criado um espaço de debate multidisciplinar com diferentes áreas do saber, a exemplo da antropologia, história, neurociência, biologia, psicologia, sociologia, agronomia, medicina, veterinária, farmácia, saúde coletiva, saúde mental, direito, economia, educação, turismo, entre outras, através da conversa com aqueles que fazem as pesquisas, as investigadoras e investigadores destas respectivas áreas do conhecimento.

Longe de conseguir abolir o trânsito e o consumo de determinadas drogas no interior das mais distintas realidades socioculturais, o proibicionismo (RODRIGUES, 2008), que vigorou no último século, tirou, sim, de circulação, a pesquisa sistemática, por exemplo, no campo da medicina, sobre os potenciais terapêuticos desta planta e seus derivados, impedindo, dessa forma, que suas qualidades medicinais fossem devidamente conhecidas e publicizadas em toda a sua plenitude (CONRAD, 2001;

BEAUCHESNE, 2015). Contudo, não é só no que concerne às ciências médicas que este saber represado faz falta para as sociedades contemporâneas, particularmente afetadas por aquilo que se convencionou chamar, nos últimos anos, no campo dos estudos de comunicação, de desinformação (OLIVEIRA, 2020).

Quanto mais variado o escopo disciplinar sobre maconha e política de drogas, maiores serão os efeitos do aprofundamento do debate, e mais estudantes ao nível de graduação e pós-graduação, como também curiosos em geral sobre o tema, terão a possibilidade de travar contato com tais estudos. Há muito trabalho a ser feito neste sentido, especialmente no tocante às ciências humanas e sociais. A antropóloga Beatriz Labate e o cientista político Thiago Rodrigues, na introdução que escreveram para *Políticas de drogas no Brasil: conflitos e alternativas* (2018), livro que organizaram, afirmam que:

[...] A literatura sobre drogas disponível no Brasil tampouco ajudou a adensar o debate sobre as substâncias psicoativas, pois foi monopolizada por muitas décadas por psiquiatras e juristas. Com raras exceções, esses profissionais da saúde e do direito emolduraram os preconceitos mais comuns e venais com os galardões de suas áreas de saber (LABATE; RODRIGUES, 2018, p. 25).

Como os episódios do *Maconhometro Ciência* são gravados no modo remoto, lançando mão de ferramentas de comunicação *online*, tivemos a oportunidade de trazer para este ciclo de conversas, pesquisadores e pesquisadoras que realizam suas atividades de investigação em diferentes regiões do país. Desse modo, efetivamente falamos com acadêmicos que estavam pensando questões gerais articuladas com as realidades locais, em diferentes unidades da federação, das regiões Sudeste, Nordeste e Sul. Com quase 30 episódios publicados, o projeto continua com a produção e publicação regular de novos diálogos com os cientistas, adensando este escopo multidisciplinar dos estudos sobre maconha no Brasil.

Neste sentido, a lista de episódios do *Maconhometro Ciência* é, entre outras coisas, um inventário sobre a produção acadêmica a respeito da maconha no Brasil contemporâneo, inventário este que pudemos construir da posição que ocupamos no campo acadêmico e com nosso trabalho de popularização e difusão do conhecimento científico. Contando com o suporte institucional propiciado por nosso vínculo, como pesquisadores, com o Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC/UFF), tivemos a oportunidade de circular nos congressos e organizar colóquios na universidade, tecendo redes internacionalizadas de

colaboração. Dispondo de uma plataforma alimentada com dados e informações, como é o Cannabis Monitor (CM), representamos um veículo por meio do qual diferentes pesquisadores podem ampliar o alcance da divulgação dos resultados de suas respectivas investigações científicas.

Comumente chamada de “erva do diabo”, “erva maldita”, “pau podre”, “cigarro do capeta”, além de outros termos depreciativos, esta planta ficou envolta em tabus no senso comum, em sistemático obscurantismo que já dura cerca de 100 anos no Brasil, bem como no chamado “mundo ocidental”. Falar do assunto em reuniões familiares, entre as classes médias e médias baixas brasileiras, era um escândalo, prenúncio de mal-estar, há poucas décadas atrás. Mais do que isso, o próprio conhecimento científico sobre as propriedades desta planta pouco se desenvolveu, como vimos, muito em função de tratados internacionais altamente proibitivos em relação não só aos cultivos, como também em relação às experimentações científicas com esta planta (CONRAD, 2001).

Nos dias atuais, falar de maconha nos lares brasileiros, incluindo neste termo toda sua evidente heterogeneidade de modos de vida, já não causa os mesmos escândalos. Afinal, cresceu muito, nos últimos anos, o número de pacientes e suas famílias que encontram tratamento eficaz para um rol relativamente extenso de doenças, e cresce ainda mais a difusão das informações a este respeito. O tabu não tem mais a mesma intensidade. De uma forma ou de outra, muito em função da conexão crescente de imensos contingentes populacionais à internet, é mais complicado hoje em dia represar o acesso das pessoas às informações sobre maconha, incluindo aí sua redescoberta mais recente no campo das variadas formas de terapia e medicina (POLICARPO; VERÍSSIMO; FIGUEIREDO, 2017).

Contudo, em tempos de *fake news* e pós-verdades, o despejamento sistemático de conteúdos tidos como duvidosos ou desinformativos, em milhões de celulares por hora, em escala pós-industrial, é uma atividade econômica altamente lucrativa, a despeito de sua potencialidade em produzir fragmentações sociais (MELLO, 2020). As informações que circulam nem sempre primam pela qualidade e honestidade necessárias, mas geram lucro ao circular, e priorizam, em grande parte, a espetacularidade ou potencialidade de causar medo na população, produzindo efeitos sociais adversos.

Desse modo, propomos aqui uma reflexão sociológica sobre o ofício de trabalhar com difusão do conhecimento sobre uma planta estigmatizada, em tempos em que a

desinformação é um ativo econômico. O *Maconhometro Ciência* é um podcast voltado para a promoção do conhecimento científico brasileiro sobre um tema altamente marginalizado, estigmatizado e perseguido, tornando-se uma ferramenta relevante de promoção de informações qualificadas e fornecimento de um repertório socio-cultural mais amplo, fazendo uso da linguagem científica, mas sem ser excludente ou pedante, buscando contemplar as inúmeras possibilidades de tratar a questão. E indo além, ao humanizar a figura do cientista, do pesquisador que se dedica a investigar, através de rigores, métodos e conceitos acadêmicos, as inúmeras questões possíveis que são atravessadas pelas interações dos seres humanos com a cannabis.

Entrevistas e questões mobilizadoras

No decorrer de nosso trabalho na produção do *Maconhometro Ciência*, tivemos o retorno reflexivo vindo do público que foi se formando, curioso e interessado em aprofundar seus conhecimentos sobre a maconha, por muitos chamada de Cannabis, classificada pela lei⁵ como “droga”, redescoberta recentemente como “remédio”, permeando por entre as fronteiras do legal e do ilegal (TELLES; HIRATA, 2007) a depender de seus contextos, usos e finalidades (MOTTA, 2020).

Pessoas no Brasil inteiro foram conosco se habituando com uma ideia que seria, no mínimo, bastante incomum há poucas décadas, a de que existem múltiplas possibilidades de pesquisas sobre esta planta. Fizemos isso pesquisando os resultados acadêmicos da atuação dos entrevistados, gravando, editando e publicando documentos em áudio cujos protagonistas são os pesquisadores que dedicam seu tempo e recursos institucionais de investigação à produção do conhecimento sobre a maconha em seus múltiplos aspectos, como seu lugar na história, ou sua dimensão cultural, ou seu lugar entre os fármacos, ou sua inscrição no campo das ilicitudes penais, entre outras possibilidades.

Elaboramos um roteiro estruturado com perguntas fixas para serem feitas a todos os participantes do programa, mas com margem e liberdade para a proposição de perguntas específicas sobre o campo acadêmico do entrevistado da vez, e também para perguntas oriundas de possíveis *insights*, espontaneamente provocados pelas conversas. Essas linhas estruturantes de abordagem correm em paralelo,

⁵ Lei de Drogas nº 11.343/2006.

atravessando todas as entrevistas, e nos permitiram, da perspectiva acumulada das mais de duas dezenas de episódios publicados até o momento, tratar de uma série de questões em densidade. Como o pesquisador teve seu interesse despertado por esta temática? Como foi sua trajetória acadêmica? Há dificuldades? Como enfrentá-las? A que grupos e institutos de pesquisa estão vinculados? Nesta tentativa de produção de um inventário da produção científica sobre maconha no Brasil, nos pautamos pela busca da maior representatividade possível em termos de diversidade das áreas do conhecimento, de gênero e de regionalidade.

Neste sentido, nos importa saber o que motivou pesquisadores a escolherem a maconha e/ou a política de drogas como um objeto de pesquisa científica. Da mesma forma, importa conhecer a trajetória acadêmica dos entrevistados, como começaram e seguiram neste universo de pesquisa no qual, alguns mais, outros menos, se destacavam no momento em que foram entrevistados. Em seguida, procuramos saber como se constitui o campo de estudos em que estão inseridos, suas linhas de pesquisa, práticas e metodologias empregadas. Importa também conhecer os diferentes processos de produção acadêmica, bem como abordar o efeito de suas contribuições mais importantes no campo ao qual estão inseridos e inseridas. Pedimos que falem sobre suas contribuições no debate público sobre o tema, para além dos debates acadêmicos. Também tentamos explorar a conversa em torno de suas referências, seja em seus campos de estudo acadêmico, seja seus modelos no campo artístico e sócio-cultural. Pedimos também dicas e sugestões para os novatos interessados em pesquisar sobre o tema.

A diversidade dos perfis dos pesquisadores entrevistados revela que são muitos os caminhos e interesses que os levam a escolher a maconha ou drogas em geral como objeto de estudo. Enquanto o historiador, Júlio Delmanto⁶, destacou que seu principal interesse em estudar e se aprofundar no tema partiu do fato de ser usuário da planta e, a partir desse lugar, questionar a sua proibição, por outro lado, a cientista social Hellen Caetano⁷ afirma nunca ter feito uso da substância, se inserindo nesse campo de estudos por ter tido acesso à uma dissertação sobre o tema que a “fascinou”.

⁶ Link para acesso ao episódio:

<https://open.spotify.com/episode/4tImniyyuB0QInjzbz93zak?si=c18874e904aa459d>. Acesso em: 14 abr. 2024.

⁷ Link para acesso ao episódio:

<https://open.spotify.com/episode/5A2PQksubipThZYPBJDUBr?si=f9d16cb199ea41a9>. Acesso em: 14 abr. 2024.

Uma experiência marcante com maconha em uma viagem pela América Latina levou o consagrado neurocientista, Sidarta Ribeiro⁸, a construir uma carreira de sucesso no campo da neurociência estudando sono, sonhos e memória, e dentro disso, a cannabis. Já a farmacêutica e bioquímica, Virgínia Carvalho⁹, direcionou sua carreira para a área da toxicologia após uma oportunidade de estágio na Polícia Científica de São Paulo, que a aproximou das análises toxicológicas em amostras de drogas ilícitas. A psicobióloga, Camila Chagas¹⁰, nunca teve proximidade com o uso de drogas ou a sua discussão, e só se aproximou do tema após dois professores da graduação despertarem seu interesse.

A farmacêutica, Ana Carolina Corrêa¹¹, chegou na cannabis lateralmente, como um desdobramento de suas pesquisas com fármacos voltados para o combate à malária, enquanto a historiadora da educação, Maria de Lourdes da Silva¹², foi atraída para o tema após estagiar em projetos de pesquisa da antropóloga Alba Zaluar sobre desigualdade social na favela da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Caminho parecido com o da pesquisadora em Saúde Coletiva, Dayana Rosa¹³, que se voltou para o tema após trabalhar em projetos do Ministério da Saúde, em que se viu exposta ao desconforto de vivenciar as desigualdades vinculadas à criminalização do uso de drogas e as disparidades percebidas nas políticas de saúde pública relacionadas às mesmas.

Ter um parente próximo na família com problemas de saúde relacionados ao uso de drogas, atraiu a terapeuta ocupacional, Andrea Gallassi¹⁴, para os estudos da Saúde Mental e trabalhar com usuários foi uma consequência do seu envolvimento acadêmico e profissional com o campo. Na trajetória da historiadora Luísa Saad¹⁵,

⁸ Link para acesso ao episódio:

<https://open.spotify.com/episode/72rRz6oaXxPYl6gpqRxHCC?si=a271a820ea364548>. Acesso em: 14 abr. 2024.

⁹ Link para acesso ao episódio:

<https://open.spotify.com/episode/3UfODhh254XEYKk9DKpOQQ?si=48ee8cc8cc3842b7>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹⁰ Link para acesso ao episódio:

<https://open.spotify.com/episode/4M5ejUo0GcgWf2HfSsLzj6?si=71577e1391094414>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹¹ Link para acesso ao episódio:

<https://open.spotify.com/episode/5cxVzvrLGaSEpvAU0XKc0A?si=71f3e2d75a2b45f5>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹² Link para acesso ao episódio:

<https://open.spotify.com/episode/4h5NEHkuKVYZMlwXSpBg?si=e9d3b10158cb41ec>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹³ Link para acesso ao episódio:

<https://open.spotify.com/episode/4f9EfcvFYHy0qHtKGEYxVJ?si=54294b8ccf7147c2>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹⁴ Link para acesso ao episódio:

<https://open.spotify.com/episode/3t523LWN03GvpJ084XpVv8?si=6ba82e081b31443c>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹⁵ Link para acesso ao episódio:

<https://open.spotify.com/episode/4oeUtwplutCKLiP5I2EfaH?si=f1f23236009f4bb2>. Acesso em: 14 abr. 2024.

foi o envolvimento com o movimento estudantil e o movimento social da Marcha da Maconha em Salvador que a fez questionar o proibicionismo e querer pesquisar o tema por uma perspectiva histórica.

O médico e biofísico, João Menezes¹⁶, que se auto-intitula um ativista acidental, chamou a atenção para o fato de, desde a infância até chegar aos 40 anos de idade, sempre havia convivido com a maconha sem grandes questionamentos, seja no ambiente familiar seja no ambiente acadêmico. Até que um dia, por ocasião do aniversário de 10 anos de seu filho, se questionou:

Pô, tá com 10 anos, vai viver nesse mundo com maconha proibida? Corrupção, crime, os riscos todos envolvidos com isso. Eu fiz a pergunta: Por que a maconha é proibida? Eu tinha 40 anos, pô. Era um alienado de primeira. Fui procurar, em bibliotecas, eu estava na época em Harvard. Fui procurar artigos e passei 2 anos pesquisando. Não tinha uma razão, uma fundamentação de verdade. Eu já era um pesquisador independente, com uma carreira, estudando desenvolvimento do cérebro, migração celular, neurogênese, com artigos de impacto, mas era ridículo que eu não soubesse dizer por quê era proibido. Eu achava que uma razão tinha... E não tinha. É uma coisa louca e não tinha como ficar quieto, sabendo disso. (João Menezes, Podcast Maconhometro Ciência. Ep.5: Pesquisas sobre Cannabis na Medicina e Biofísica, com João Menezes).

Também vale registrar o interesse do cientista social, Paulo Fraga¹⁷, em relação ao tema, que compartilhou que sua aproximação se deu após um acontecimento trágico, que foi a morte por assassinato de uma liderança do movimento de pessoas atingidas por barragens na região do Vale do São Francisco, onde ele realizava um trabalho para uma ONG. O homem assassinado havia denunciado cultivos ilegais de maconha na região. A tragédia instigou o pesquisador a investigar:

Acho muito interessante essas trajetórias que nós fazemos na nossa profissão, no nosso trabalho, que muitas vezes não prevemos que vamos trabalhar com o tema. Ele se apresenta para nós e depois nós temos a oportunidade de aprofundar. O grande tema da minha trajetória profissional foi trabalhar com os cultivos ilícitos de maconha. (Paulo Fraga, Podcast Maconhometro Ciência. Ep.20: Pesquisas sobre Cannabis nas Ciências Sociais, com Paulo Fraga).

Ser usuário da substância, vivenciar uma experiência de abuso na família ou uma experiência de uso pessoal transformadora, cair de paraquedas no tema por

¹⁶ Link para acesso ao episódio: <https://open.spotify.com/episode/2Mc1lxqI31I5HQny5bHOkP?si=34322b6ace64406c>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹⁷ Link para acesso ao episódio: <https://open.spotify.com/episode/2BPbBaoKLWJCCoFQlbsYe?si=53d8e5946aba4c2b>. Acesso em: 14 abr. 2024.

ocasião de um estágio ou por orientação de um professor, ser picado pelo inconformismo a partir do contato com diferentes formas de desigualdade que atravessam a proibição das drogas, seja através de pesquisas, atuação em movimentos sociais ou políticas públicas e, até mesmo, um questionamento sobre o mundo em que um filho vai crescer ou um acontecimento trágico como um assassinato, são apenas alguns exemplos, dentro da nossa amostragem de entrevistas, da ampla diversidade de possibilidades que instigam pesquisadores ao desafio de pesquisar um objeto tão controverso.

Quase todos os entrevistados apontaram o estigma como o principal desafio de trabalhar com a maconha como objeto de pesquisa na universidade. Janaina Rubio Gonçalves¹⁸, compartilhou que sempre quis estudar sobre a planta, mas que na época que fez sua graduação, “não era possível” nem imaginar ter sucesso com a empreitada. Ela relatou que, além da falta de apoio e de receptividade aos seus projetos, também sofreu descrédito por parte de professores e colegas. O neurocientista, Renato Filev¹⁹, e a já citada terapeuta ocupacional, Andrea Gallassi, compartilharam que tiveram pesquisas descontinuadas por corte de financiamento ou mesmo de acesso às substâncias para andamento dos estudos.

Um dos cientistas brasileiros mais consagrados no campo dos estudos sobre drogas nas áreas da medicina psiquiátrica, dependências, controle dos impulsos e neurociências, Dartiu Xavier da Silveira, relatou que, mesmo sendo pioneiro em pesquisas com drogas nessas áreas, tendo colaborado como especialista para a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde, além de ter publicado dezenas de trabalhos e colaborado com outros tantos, é muito mais prestigiado em outros países pela sua atuação do que no Brasil, devido ao alto índice de rejeição ao tema em um campo do conhecimento conhecido pelo seu conservadorismo, que é a psiquiatria.

Diversos pesquisadores entrevistados se assumiram usuários da planta e nos chamou atenção a quantidade de pesquisadores que afirmaram terem sido influenciados culturalmente pela banda Planet Hemp. Principal manifestação artística antiproibicionista do Brasil nos anos 1990, o grupo carioca misturou os gêneros

¹⁸ Link para acesso ao episódio: <https://open.spotify.com/episode/5wdbIP9wLCJDXysB2w3j63?si=36961f21e27e45f8>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹⁹ Link para acesso ao episódio: <https://open.spotify.com/episode/6n53ETd2BjJ9feYSNXVb0q?si=9fbce0683d6a4f1f>. Acesso em: 14 abr. 2024.

rap, rock, psicodelia, hardcore, ragga, hip hop, funk, samba e punk, na criação de músicas cujas letras politizadas pró-legalização da maconha criticavam as mazelas e hipocrisias da política de drogas proibicionista vigente, a repressão policial e a estigmatização.

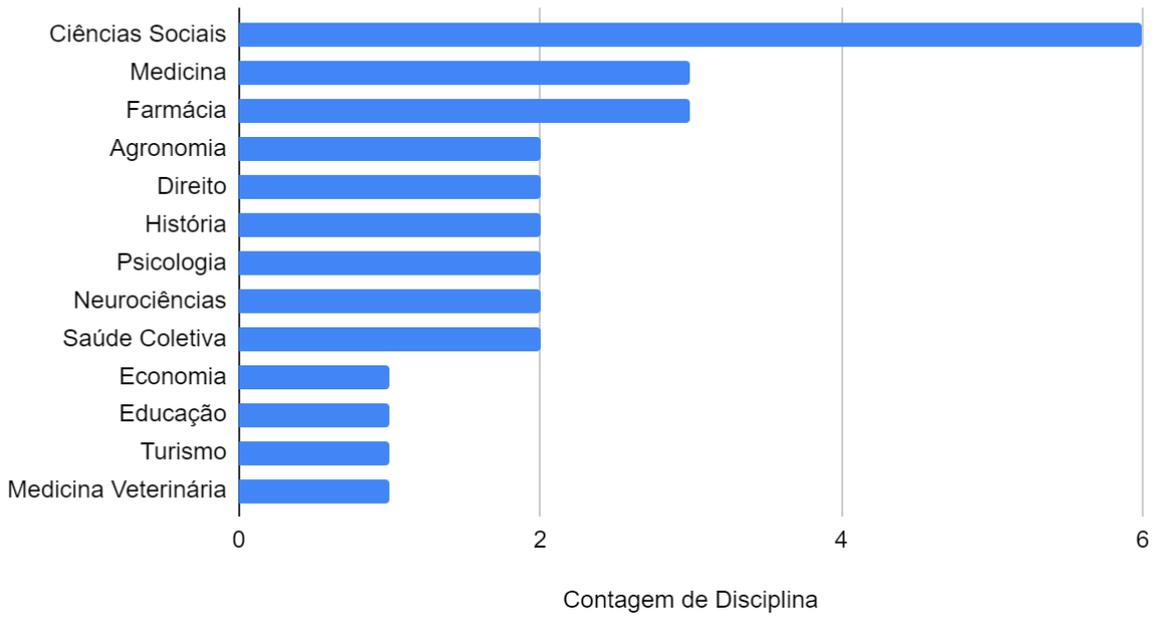
Seus membros chegaram a ser presos em 1997, após um show em Brasília, acusados de apologia ao uso de drogas. O acontecimento mobilizou grande atenção da imprensa, promovendo nacionalmente a banda e, conseqüentemente, o discurso antiproibicionista engajado e de contestação presente nas suas letras. A exposição na mídia e o apoio contra a arbitrariedade da prisão por parte de artistas, políticos e organizações da sociedade civil deram grande visibilidade ao grupo, que bateu recordes de vendas e tornou-se uma das bandas mais requisitadas do mercado (LUNA, 2018).

O sucesso se estendeu até o início dos anos 2000 e, de certo modo, compensou através da cultura o vácuo de atuação política e ativista dos movimentos antiproibicionistas brasileiros, uma vez que munuiu de argumentos e algum empoderamento toda uma geração de jovens usuários de maconha no país. O que se demonstra, quase três décadas após o surgimento da banda, nas menções por diversos pesquisadores, do quanto a banda influenciou seus entendimentos sobre a planta e suas condições de usuários em suas trajetórias profissionais.

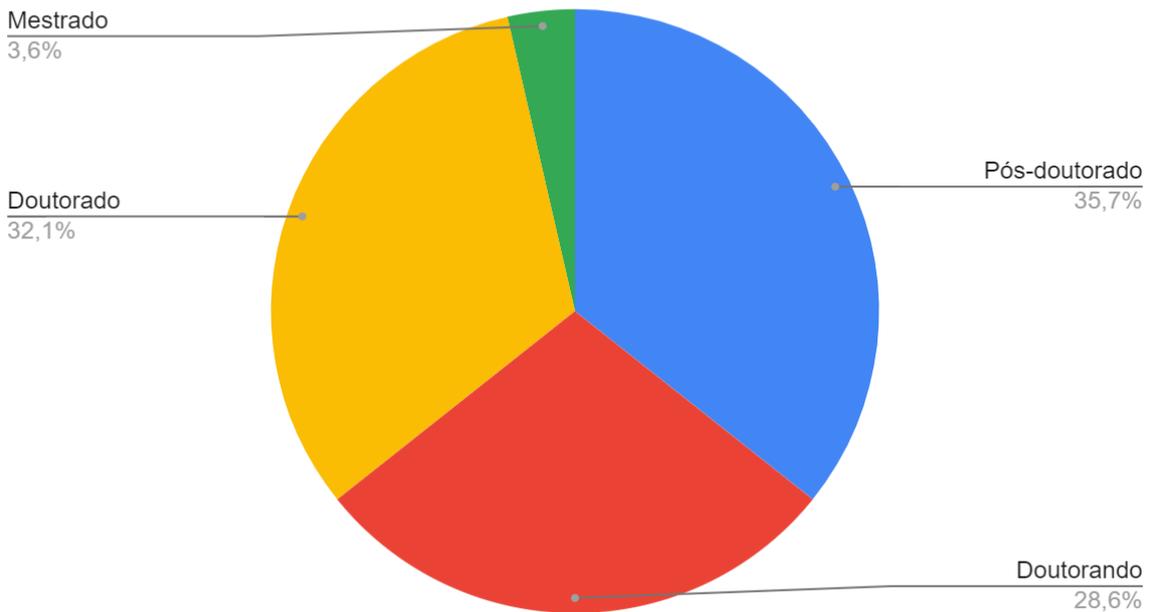
Aqui vale destacar que, como propositores de um debate interessado em humanizar a pesquisa e a figura do pesquisador, sempre nos interessou conhecer as referências culturais e estéticas dos nossos interlocutores, para além de suas referências acadêmicas. O variadíssimo repertório dos pesquisadores passam por música, literatura, filmes e séries, organizações e personalidades.

Com base nas entrevistas, também pudemos levantar dados sobre quem são e onde estão os cientistas brasileiros que pesquisam sobre maconha que podemos alcançar a partir de nossas posições nos campos acadêmico e comunicacional. Das 29 entrevistas, realizadas com 30 pesquisadores, até junho de 2023, temos os seguintes dados:

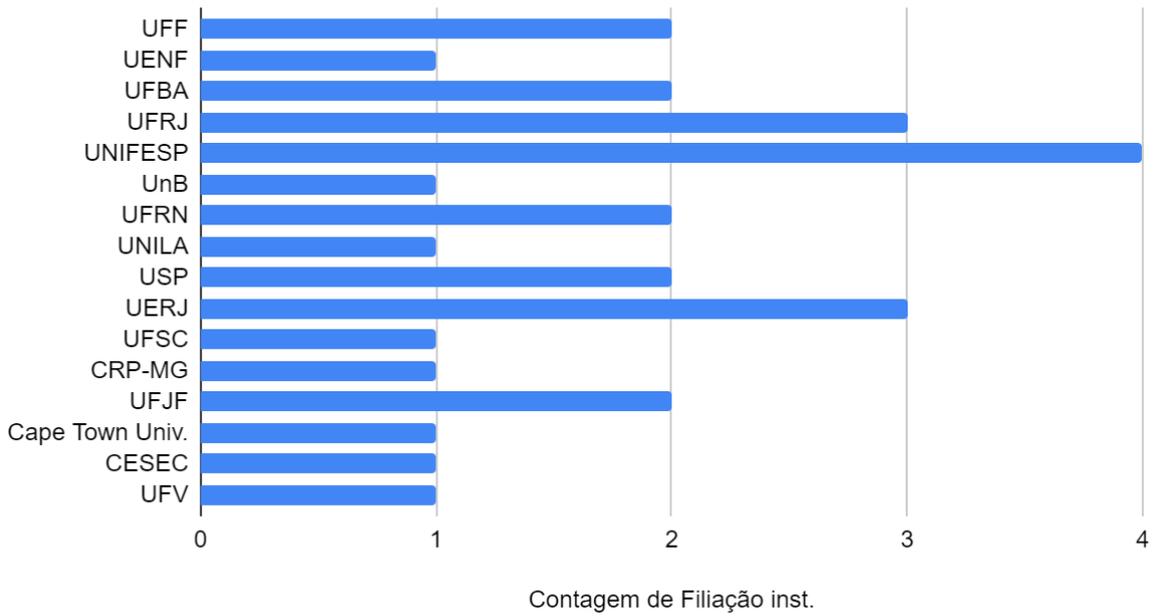
Disciplinas



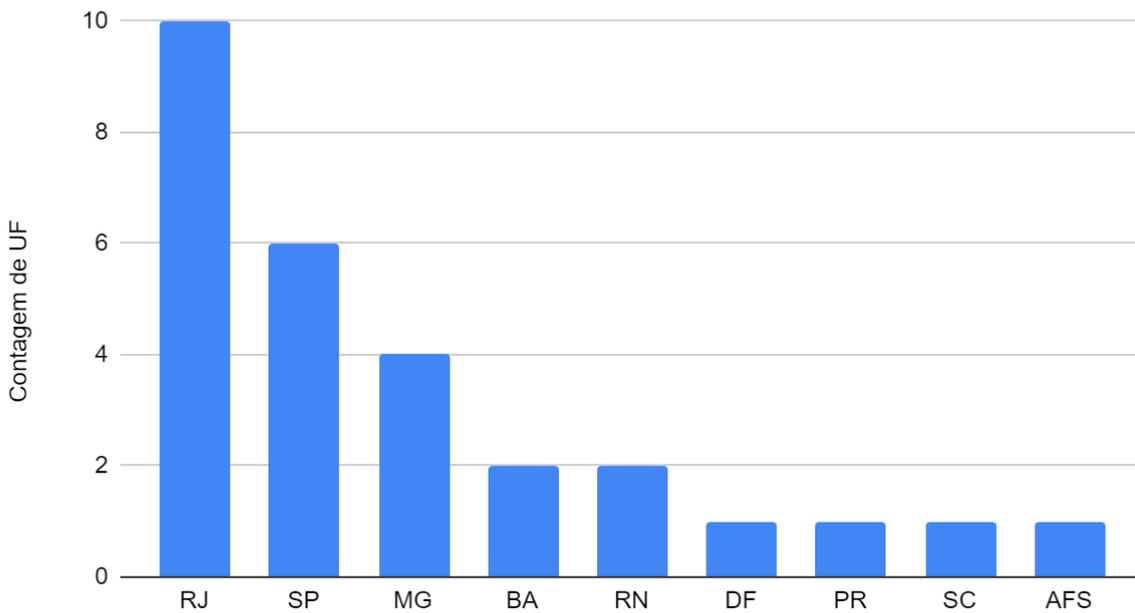
Titulação



Filiação institucional



Distribuição por UF



A ampla gama de disciplinas e especialidades dos estudos desenvolvidos pelos entrevistados e exploradas nas entrevistas seguem abaixo:

Disciplina	Especialidade
Ciências Sociais	Antropologia, Segurança Pública, Sociologia e Direito
Agronomia	Produção Vegetal e Ecofisiologia Vegetal
Ciências Sociais	Antropologia Cultural
Direito	Direito Penal e Criminologia
Neurociências	Psiquiatria e Psicologia Médica
Medicina	Dependência Química e Saúde Mental
História	História Social da Proibição no Brasil
Neurociências	Biofísica e Neurofisiologia
Farmácia	Farmacologia e Neurofarmacologia
Economia	História Econômica do Cânhamo
Saúde Coletiva	Saúde Coletiva
Medicina Veterinária	Endocannabinologia Veterinária
Psicologia	Psicologia Social
Ciências Sociais	Movimentos Sociais Antiproibicionistas
Direito	Direito Canábico
Farmácia	Toxicologia e Análises Toxicológicas
Medicina	Biofísica e Neurociências
Farmácia	Doenças Negligenciadas (Malária e Hanseníase)
Psicologia	Psicobiologia, Drogas e Religião
Ciências Sociais	Política de Drogas, Cultivos Ilícitos e Sociologia da Violência
Sociologia	Drogas e Comunidades Terapêuticas
História	História Social, Drogas, Esquerdas e Psicodélicos
Saúde Coletiva	Abuso, dependência de drogas e Redução de Danos
Antropologia	Antropologia Social
Agronomia	Fitotecnia, Biotecnologia e Melhoramento Genético de Cannabis
Turismo	Turismo de Drogas e Turismo Canábico
Educação	Educação sobre Drogas e Materiais didáticos
Medicina	Psiquiatria, Dependências, Controle dos Impulsos e Neurociências

Popularização da Ciência e Oralidade no Brasil Contemporâneo

No trabalho *Maconheiros, fumons e growers* (2017), o antropólogo Marcos Veríssimo, coautor deste artigo, realizou um estudo comparativo sobre o consumo e cultivo de maconha nas cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires, com foco nas características próprias da cultura canábica em cada local e suas diferentes abordagens de ativismo em relação à legalização da maconha.

Enquanto em Buenos Aires, os ativistas promovem e buscam desmistificar o debate público sobre a legalização da planta por meio editorial, através de revistas profissionais, escritas e bem elaboradas, que incluem uma variedade de informações e autores de diferentes campos sociais, no Rio de Janeiro, esse ativismo tem sua tradição baseada na oralidade. Essa afirmação se sustenta em sua descrição da atuação do bloco carnavalesco carioca “Planta na Mente”, que se utiliza de paródias das tradicionais marchinhas de carnaval da cidade para conscientizar foliões sobre a legalização da maconha, explorando uma abordagem mais lúdica para atrair a atenção das pessoas para o tema.

O contraste entre essas abordagens reflete as diferenças culturais e históricas nas duas cidades, com Buenos Aires tendo uma tradição mais letrada e o Rio de Janeiro enfatizando a comunicação oral. Um dado interessante explorado por Veríssimo, que ilustra bem o contexto, é o fato de a cidade de Buenos Aires, sozinha, possuir uma quantidade de livrarias superior à quantidade encontrada em todo o Brasil, que possui uma população quatro vezes maior que a da Argentina (VERÍSSIMO, 2017).

Tais impressões acerca da debilidade do poder de difusão do conhecimento pela leitura em cidades como Rio de Janeiro, da capacidade que não teria de fortalecer o pensamento crítico na esfera pública, impressões que encontram ecos no senso comum, certamente podem ser melhor compreendidas colocando em perspectiva alguns elementos da historicidade em cada respectivo contexto. Afinal, enquanto na antiga colônia espanhola se construiu um imaginário em torno da “verdade” segundo a qual o analfabetismo da população teria sido enfrentado e resolvido, em termos estatísticos, ainda no último quarto do século XIX (LUGONES, 1970), em terras brasileiras, nesta mesma época, ainda se lutava pela abolição da escravidão — que, ao longo de séculos, sistematicamente produziu massas de iletrados e desescolarizados (ROMANELLI, 1986).

É neste sentido que o *Maconhometro Ciência*, com sua proposta de difusão de estudos atualizados e qualificados academicamente, através de arquivos de áudio editados e distribuídos gratuitamente nas principais plataformas de *streaming*, acaba levando conteúdos e reflexões para a esfera pública em dimensões consideráveis, na direção de públicos mais variados do que aqueles que povoam os estritamente acadêmicos.

Mesmo que tenhamos razões para acreditar que o brasileiro, dito assim em abstrato, esteja longe de ser o povo mais letrado do mundo, e que isso nos leve ao ceticismo quanto à efetiva difusão de informações verificáveis e inovações científicas entre os diferentes grupos sociais, predominantemente ofertadas por meio de artigos e livros, o *Maconhometro Ciência*, ao se estruturar mais em conformidade com a oralidade do que com a linguagem escrita, pode se configurar como uma forma de contornar esta configuração cultural (GRIMSON, 2012) aparentemente não favorável à constituição de uma esfera pública crítica, de interlocutores informados pela leitura e discussão de textos em diferentes contextos sociais.

Considerações finais

Muitos são os ouvintes de podcasts em geral, e do *Maconhometro Ciência* em especial, que os escutam em meio a atividades domésticas manuais, enquanto conduzem veículos, na hora do banho, preparando refeições, praticando exercícios físicos etc. (FREIRE, 2017). Desse modo, o programa é mais uma opção oferecida às pessoas curiosas sobre assuntos canábicos, por assim dizer, e que estejam dispostas a ouvir algo em seu tempo livre ou enquanto se dedicam a outras atividades que exijam relativamente pouco de sua atenção. Neste contexto, acreditamos estar produzindo difusão do conhecimento científico e acadêmico no senso comum, favorecendo a qualidade do debate público e oferecendo alternativas ao que se convencionou chamar de “desinformação” (MELLO, 2020), tudo isso pela constituição de uma esfera pública mais crítica e informada sobre um tema altamente complexo e estigmatizado.

Esta proposta é nossa primeira tentativa de avaliar e refletir sobre os efeitos do projeto no qual trabalhamos conjuntamente, o podcast *Maconhometro Ciência*. Estamos cientes do caráter ainda inconcluso deste artigo e do potencial de dados, análises, reflexões e interpretações dos dados e demais elementos que podem

ser extraídos deste material, que tem caráter de registro histórico e antropológico sobre pesquisadores brasileiros que ousam produzir conhecimento sobre um objeto pouco explorado, muito controverso e que ganha cada vez mais evidência na contemporaneidade.

Nossa “atração” digital, disponibilizada gratuitamente na internet, se articula com o conceito de divulgação científica, uma vez que explora um objeto de estudo e a produção de conhecimento sobre o mesmo nos espaços acadêmicos brasileiros. Como potencializar este trabalho? Não nos esqueçamos, ainda, que uma densa e luxuriante floresta de informações sem origem verificável, e fins econômicos e políticos, não raro, aparentemente inconfessáveis, estão entre as “atrações” que seriam nossas “concorrentes” na *rede* pela atenção dos ouvintes sobre essa temática.

Mais do que atrair, ou distrair, pretendemos difundir os estudos produzidos na esfera restrita da academia para o público mais amplo e, principalmente, conhecer as histórias, motivações, perspectivas e caminhos que levam as pessoas a estudar, investigar e produzir conhecimento brasileiro sobre a maconha. Pretendemos, em suma, contribuir com nossa parte para a realização da popularização do conhecimento, que julgamos necessário aos sujeitos das gerações atuais e futuras, que poderão escolher, com base em dados confiáveis, usar ou não usar a maconha e outras drogas. Mas não só. Que estejam baseadas nessa qualidade de conhecimento as políticas públicas de drogas, propostas por governos e implementadas no âmbito do Estado.

Referências

- BEAUCHESNE, Line. *Legalizar as drogas: para melhor prevenir os abusos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
- CONRAD, Chris. *Hemp: uso medicinal e nutricional da maconha*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: Breve história de uma nova tecnologia educacional. *Educação em Revista*, Marília, v. 18, n. 2, p. 55-70, 2017.
- GRIMSON, Alejandro. *Los Límites de la Cultura: crítica de las teorías de la identidad*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.
- LABATE, Beatriz C.; RODRIGUES, Thiago (Org.). *Políticas de Drogas no Brasil: conflitos e alternativas*. São Paulo: Mercado das Letras, 2018.
- LUGONES, Leopoldo. *Historia de Sarmiento*. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1970.
- LUNA, Pedro de. *Planet Hemp: mantenha o respeito*. Caxias do Sul: Editora Belas-Letras, 2018.
- MAIA, Gustavo. A maconha no Brasil através da imprensa (1808–1932). 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) —, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- MELLO, Patrícia Campos. *A Máquina do Ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MOTTA, Yuri. *O paciente dedo verde: uma etnografia sobre o cultivo e consumo de canábis para fins terapêuticos na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.
- OLIVEIRA, Thaianne Moreira de. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. *Liinc em Revista*, v. 16, n. 2, p. e5374-e5374, 2020.
- POLICARPO, Frederico; VERISSIMO, Marcos; FIGUEIREDO, Emilio. A Fumaça do Bom Direito: demandas pelo acesso legal à maconha na cidade do Rio de Janeiro. *Platô Drogas & Política: Revista da Plataforma Brasileira de Política de Drogas*, v. 1, n. 1, p. 07-38, 2017.
- RODRIGUES, Thiago. Drogas, tráfico, proibição. In: LABATE, Beatriz Caiuby *et al.* *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador: EdUFBA, 2008. p. 91–104.

ROMANELLI, Otaíza de O.. *História da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1986.

TELLES, Vera da Silva; HIRATA, Daniel Veloso. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. *Estudos Avançados*, v. 21, n. 61, p. 173-191, 2007.

VERISSIMO, Marcos. *A cultura cannábica no Rio de Janeiro e em Buenos Aires: notas para um estudo comparativo*. Buenos Aires: X Congresso Argentino de Antropologia Social, 2011.

VERISSIMO, Marcos. *Maconheiros, fumons e growers: um estudo comparativo do consumo e do cultivo caseiro de canábis no Rio de Janeiro e em Buenos Aires*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

WILCKEN, Patrick. *Império à Deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ZANATTO, Rafael Morato. *Maconha, erva maldita: um filme de Raul Roulien*. In: MACRAE, Edward; ALVES, Wagner Coutinho (Org.). *Fumo de Angola: canabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 167-204.